

A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família

The representation of alcoholic beverages consumption for adolescents in a Family Health Unit

Sinara de Lima Souza¹
 Maria das Graças Carvalho Ferriani²
 Marta Angélica Iossi Silva²
 Romeu Gomes³
 Tatiana Costa Souza⁵

Abstract *Alcoholic beverages consumption by adolescents is a global problem with repercussion on different social sectors. However, the reasons that cause this behavior are still little studied. This qualitative research aimed to understand the socially constructed representations of adolescents about the consumption of alcoholic beverages, in a Family Health Unit in the city of Feira de Santana, state of Bahia, Brazil. Subjects were twenty-one adolescents of both genders. Observation, focus groups and semi-structured interviews were used for data collection, followed by interpretation of meanings as data analysis. Results showed that this practice represents “to drink much”, which is close to the concept of binge drinking and “to be in the group”, evidencing the socializing character of drinking. It also means a rite of passage. Among the factors that influence this representation, adults’ attitudes to alcohol, especially the father and media, are highlighted. It is concluded that this substance represents a symbolic capital, with contradictions regarding the issue, precariousness of protective factors and existence of vulnerability factors. Rethinking adolescent-targeted and alcohol-related public policies is needed.*

Key words *Adolescent, Alcoholic beverages and social representations*

Resumo *O consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes se constitui em problema mundial com repercussão nos diversos setores sociais. Entretanto, as motivações para tal prática ainda são pouco estudadas. Buscando desvendá-las, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de compreender as representações socialmente construídas dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, em uma Unidade de Saúde da Família da cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Os sujeitos foram vinte e um adolescentes de ambos os sexos. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram observação, grupos focais e entrevista semi-estruturada. Analisou-se os dados através da interpretação dos sentidos. Teve-se como resultados: esta prática representa “beber muito” que se aproxima do conceito de binge drinking e “junto”, evidenciando o caráter socializador da bebida. Significa também um ritual de passagem. Como fatores que influenciam a representação, destacam-se as atitudes dos adultos, especialmente o pai e a mídia. Conclui-se que a essa substância representa um capital simbólico, havendo contradições relativas à questão, precariedade de fatores protetores e existência de fatores de vulnerabilidade, sendo necessário repensar das políticas públicas para os adolescentes e para essa problemática.*

Palavras-chave *Adolescente, Bebidas alcoólicas e representações sociais*

¹ Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana. Av. Universitária s/ nº, Km 03 BR 116, Campus Universitário. 44031-460 Feira de Santana BA. sinadadd@yahoo.com.br

² Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

³ Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz.

⁴ Centro Universitário de Franca.

Introdução

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) é algo cada vez mais evidente na atualidade, apesar de ser prática milenar. Entre as SPA, a bebida alcoólica é uma substância lícita na nossa sociedade e a sua ingestão por indivíduos adultos é prática naturalizada. Entretanto, o uso abusivo do álcool oferece riscos à vida e saúde, independente da faixa etária do usuário, considerado como problema mundial de saúde pública¹.

As estatísticas da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) demonstram que, dentre os problemas sociais e de saúde envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, estão incluídos acidentes e mortes no trânsito, homicídios, quedas, queimaduras, afogamento, suicídio, lesões esportivas e no lazer, violência, entre outras². Esses dados revelam a magnitude do problema para todas as esferas da sociedade, entre elas o setor de saúde, principalmente diante da constatação de que 25% de todas as mortes de jovens entre quinze e dezenove anos são atribuídas ao álcool. Essas estatísticas refletem padrão de consumo do álcool pelos adolescentes, visto que, **quando eles bebem, tendem a fazê-lo de maneira pesada, apresentando episódios de abuso agudo** (binge drinking), **ou seja, beber cinco ou mais doses em uma ocasião para os rapazes e quatro ou mais doses para as moças**³.

Apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente vetar a venda de bebida alcoólica, essa prática vem acontecendo em nosso meio, mesmo na condição de ato ilegal⁴.

Ressalta-se que a adolescência é aqui compreendida pela idade correspondente de dez aos dezenove anos de idade⁵, fase em que o crescimento e desenvolvimento estão se processando e a exposição às substâncias psicoativas pode ser comprometedora. Diante da constatação de que o consumo de bebidas alcoólicas é frequente na adolescência⁶, com repercussão na saúde, desempenho escolar e também nos outros campos que compõem a sociedade, torna reconhecida a necessidade de se abordar o tema a partir de suas múltiplas determinantes: farmacológicas, psicológicas e socioculturais⁷.

Outra questão relevante é que, mesmo que o alcoolismo, como dependência química, se revele na idade adulta, é na fase adolescente que o hábito de beber se instala, sendo, portanto, o momento em que a prevenção também deve ocorrer⁸. Por esse motivo, acredita-se que, para se rever as estratégias de prevenção utilizadas, que para os autores desse estudo se constitui em um cami-

nho necessário para o seu enfrentamento, é preciso compreender o que essa prática representa para os adolescentes, sob a percepção deles mesmos.

Diante da evidência de que o consumo do álcool se constitui numa prática social, buscou-se aproximação ao pensamento de Pierre Bourdieu, com o intuito de compreender a adolescência, a partir das discussões realizadas pelo autor sobre as noções de capital e poder simbólico por ele trabalhadas, assim como das representações socialmente construídas acerca do consumo de bebidas alcoólicas o álcool, a partir da noção de habitus.

A semelhança do uso coloquial ou da linguagem dos economistas, Pierre Bourdieu usa o termo capital para designar “um bem concreto, objetivo, um haver, uma riqueza, algo que pode ser aplicado, de que se lança mão quando oportuno ao se referir ao capital econômico”⁹. Porém, estende essa noção a outros tipos de riqueza, criando conceitos como o de capital cultural, que designa relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar, de capital social, designando a rede de relações sociais que constitui uma das riquezas essenciais dos dominantes, e de capital simbólico, formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social¹⁰.

Os autores que buscam a compreensão das representações sociais através da aproximação à noção de habitus evidenciam que esse **constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber e agir e evoluir com naturalidade num universo social dado**¹¹.

Objetivo

Compreender as representações socialmente construídas dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas.

Metodologia

Realizou-se pesquisa qualitativa, visando ao aprofundamento no universo dos significados, pensamentos e conhecimentos dos adolescentes em relação ao consumo do álcool, a partir da perspectiva sociocultural¹².

O estudo foi realizado na cidade de Feira de Santana, situada no interior do Estado da Bahia, conhecida como “princesa do sertão” por ser tida como a porta de entrada para o semiárido nor-

destino¹³. A população residente é de 536.013 habitantes, sendo 120.494 correspondentes à faixa etária de dez a dezenove anos. Desses, 59.447 são do sexo masculino¹⁴.

Dentre os espaços de inserção dos adolescentes em Feira de Santana, elegeu-se uma Unidade de Saúde da Família (USF) como campo para o desenvolvimento desta pesquisa, considerando que olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não emocionalizadas, mas é mergulhar no meio delas¹⁵.

A Unidade de Saúde da Família Feira VII II está localizada em um bairro populoso e as famílias por ela assistidas são provenientes de classe baixa e classe média baixa. O Programa Saúde da Família (PSF) consiste numa estratégia do Ministério da Saúde para reorientar o modelo assistencial do Sistema Único de Saúde a partir da atenção básica, que nasceu em 1994.

Nesse sentido, esse espaço se torna privilegiado para o desenvolvimento de estudos que requerem aproximação não apenas com os sujeitos a serem pesquisados, mas também com as instâncias socializadoras nas quais estão inseridos, permitindo um olhar ampliado do pesquisador, inclusive em relação aos fatores protetores e de risco existentes no contexto do qual fazem parte.

Os sujeitos do estudo foram 21 adolescentes, sendo nove do sexo masculino e doze do sexo feminino, que atenderam os critérios de inclusão estabelecidos: que fizessem parte das famílias cadastradas na USF da Feira VII II, desejassem participar espontaneamente da pesquisa, terem o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelo responsável, sendo necessária a participação em uma atividade do grupo focal intitulada "a imagem do álcool", além da participação da entrevista semiestruturada. Junto a esses critérios, verificou-se que os depoimentos relacionados a esse número de adolescentes eram suficientes para a análise, uma vez que revelavam uma saturação de sentidos, requisitos para o método utilizado na pesquisa.

O trabalho de campo realizou-se através da observação simples, que é aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem¹⁶. Além da observação, como técnicas de coleta de dados, utilizaram-se grupo focal e entrevistas semiestruturadas.

Os dados obtidos através do grupo focal levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais e em grupo¹⁷. Partindo do entendimento de que a bebida alcoólica é tida como agente socializador e tendo como um dos pressupostos a questão da aceitação grupal e da pressão que o mesmo exerce como um dos fatores que influencia na representação da bebida alcoólica pelos adolescentes, notou-se que o trabalho, com grupos focais, neste estudo, se mostrou coerente com o seu propósito¹⁸.

Ocorreram cinco encontros com adolescentes, com participação de cinco a dez por sessão. Em um grupo, participaram apenas garotos, em outro, apenas garotas e os demais foram grupos mistos. Todos acontecerem na sala de reuniões da Unidade de Saúde da Família do Feira VII II. Para a realização dos grupos focais, selecionaram-se voluntárias para nos auxiliar e foi realizado com elas treinamento de trinta horas. Na execução da técnica, disponibilizou-se para os grupos gravuras extraídas de reportagens em revistas de circulação nacional e veiculadas na Internet, envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, deixando que eles escolhessem aleatoriamente uma delas, partindo do entendimento de que "as imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar em entrevistas focais, libertando suas memórias"¹⁹.

Após deixar que visualizassem as gravuras, solicitava-se que dissessem o que percebiam nas mesmas. Posteriormente, era apresentada uma imagem que possibilitava duas interpretações, sem, contudo, se anularem. Finalizava-se a técnica, revelando as fontes de onde as imagens foram extraídas e o contexto ao qual pertenciam, e concluía-se as sessões, mostrando que existem várias maneiras de se ver as coisas que nos cercam.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram após os grupos focais, a partir de agendamento prévio, considerando a disponibilidade dos adolescentes, local e horário. As questões norteadoras utilizadas foram:

- . O que você pensa a respeito do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes?
- . Sabe-se que muitos garotos e garotas estão bebendo muito ultimamente. Como você vê essa situação?

No tocante aos critérios éticos a serem observados nas pesquisas envolvendo seres humanos, foram adotadas as recomendações da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde²⁰, e este projeto foi encaminhado à Secretaria de Saúde do Município de Feira de Santana, cadastrado no SIS-

NEP e submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, Protocolo nº 0830/2007. A fim de assegurar o anonimato e sigilo em relação às suas falas, para cada adolescente que participou deste estudo, atribuiu-se um nome de flor, seguido da letra “f” para o gênero feminino ou “m” para o masculino, e, a seguir, a idade.

Para a análise dos dados, adotou-se o método da interpretação de sentidos²¹ a partir de uma aproximação ao diálogo entre a concepção hermenêutica e dialética que tem como foco o fenômeno cultural. Adotaram-se os seguintes passos: leitura compreensiva do material selecionado, exploração do material, por meio de identificação de sentidos subjacentes às falas e elaboração de síntese interpretativa, buscando levar em conta o contexto, compreendido como o contexto sócio-histórico de adolescentes, incluindo as redes de apoio que dispõem e, também, o encontro com os dados empíricos.

Resultados e discussões

Caracterizando os sujeitos do estudo

A faixa etária dos sujeitos do presente estudo foi de dez a dezesseis anos, sendo que prevaleceu aquela de dez a catorze anos. Alguns adolescentes pertenciam a famílias nucleares, enquanto outros conviviam com padrastos e/ou madrastas, nas quais era notória a presença dos rearranjos familiares. A maioria era oriunda de famílias de baixa renda e, apesar de estudarem, nos momentos em que não estavam na escola, realizavam atividades informais, a fim de contribuir na renda familiar ou ajudarem nas tarefas de casa.

Estavam inseridos na rede pública de educação, excetuando-se dois adolescentes que frequentam a rede privada. Contudo, evidenciou-se que muitos estavam em atraso escolar, revelando histórias de repetência ou de inserção tardia na escola, o que mostrou que “a influência do capital cultural se deixa apreender pela forma de relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança”¹⁰, em que a caracterização do contexto familiar, do qual esses adolescentes faziam parte, evidencia que existe estreita relação entre a situação em que vivem com a evasão e atraso escolar.

Representações do consumo de bebidas alcoólicas

Os dados coletados revelaram que a representação socialmente construída dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas se refere ao beber muito e estar junto.

Entre as garotas, como idéias relacionadas à ingestão de bebidas e suas consequências, emergiram: fazer muitas besteiras (Bougainville - f - 12), ficar descontrolado (Sempre-viva - f - 15) e ficar bêbado (Angélica - f - 10) quando se referiam ao beber pesado. De semelhante modo, as expressões utilizadas pelos garotos deixavam subentendido que beber estava relacionado ao consumo excessivo, a exemplo de menino cachaceiro (Orquídea - m - 12).

Sendo assim, os adolescentes trouxeram nas suas falas o que a literatura intitula de *binge drinking* que corresponde à ingestão de cinco doses de álcool numa mesma ocasião para homens e de quatro doses para mulheres²². No caso da adolescência, para o organismo em formação, um copo de cerveja já é o bastante para que o indivíduo perca o senso de julgamento e a coordenação motora seja afetada, causando transformações no temperamento e na personalidade²³.

Diante dos achados dos grupos focais e entrevistas, vê-se que existem duas possibilidades de se interpretar a representação do beber muito: ou para os adolescentes parece não existir ainda uma clareza a respeito do limiar entre o beber social e o abuso e/ou existe outro sentido relacionado a essa prática.

É importante destacar que esse padrão do beber excessivamente tem sido adotado com frequência pelos jovens, como sinalizam as pesquisas mais recentes^{23,24}. Além disso, tais estudos revelaram também que tem havido crescimento nesse padrão de consumo entre as garotas³. Entretanto, apesar de o senso comum visualizar o consumo excessivo de bebida alcoólica como prática peculiar ao gênero masculino, esta pesquisa revelou que, para os adolescentes estudados, essa diferenciação não foi relevante. Os resultados coincidem com outro estudo, desenvolvido na cidade de Salvador (BA), numa escola de um bairro de classe média²⁵, e também com pesquisas internacionais²⁶.

A partir do momento, contudo, em que os adolescentes trazem nas suas falas ficar alcoóla-

tra e beber até morrer, entende-se que eles podem não estar se referindo apenas ao **binge drinking** ou ao consumo esporádico da bebida alcoólica, mas à prática frequente e/ou ao uso nocivo, a exemplo da fala seguinte: **Eles dizem que é bom! Que se pudesse beber todos os finais de semana** (Sempre-viva -f-15), se retratando a amigos que costumam fazer uso nocivo.

Na busca de alguns sentidos para essa representação, nota-se que nela podem estar embutidas outras questões que têm relação com as peculiaridades dessa etapa da vida. Tais como: pra ser mais ousado (Flor de lótus - m -13), que revela a onipotência peculiar do adolescente, em que parece que as coisas ruins ocorrem com todas as pessoas, mas não com eles. Entretanto, ser mais ousado parece ter relação com a tolerância do organismo a grande quantidade de bebida ingerida, ou seja, quanto mais se ingere, mais ousado se é.

Partindo desse entendimento, nota-se que a bebida alcoólica tem assumido lugar de bem simbólico para os adolescentes e é possível que o limiar de tolerância esteja se constituindo numa disputa também simbólica, na qual quem tem mais tolerância à bebida está em vantagem sobre os demais, que podem ser tidos como mais frágeis. Contudo, a maior tolerância, ao contrário do que possa parecer, diz respeito à “necessidade de quantidades progressivamente maiores de substância para produzir o efeito desejado ou intoxicação”²⁷. E, testar os próprios limites pode significar estar pondo a vida em risco. Desse modo, nota-se que essa prática também confere aos adolescentes maior visibilidade perante os seus pares, como evidencia a seguinte expressão: **Eles bebem pra se mostrar, pra dizer que eles bebem e os outros não bebem** (Onze-horas - f -10).

Assim, o beber muito tanto pode indicar que os adolescentes são capazes de bater recordes, simbolicamente significando maior prestígio, principalmente entre os garotos que querem mostrar que já são homens, quanto pode ter o sentido de quebrar regras, mote comum para ações de alguns adolescentes, revelando uma necessidade de afirmação por meio do estabelecimento de suas próprias regras.

A relevância da influência exercida pelos amigos estava presente nas entrevistas e nos grupos focais, representando condição primordial para o consumo de bebidas alcoólicas para todos os sujeitos do estudo. Sabe-se que o ser humano é um ser de relações e, especificamente na adolescência, fazer parte de um grupo tem maior significação. Sendo assim, nota-se que existe uma avi-

dez dos adolescentes para serem aceitos, ainda que essa busca signifique adotar práticas comuns ao grupo, mesmo que possam se tornar nocivas.

Além disso, durante o período de observação, também pôde-se verificar que tal prática está relacionada ao estar junto: **Um grupo de amigos num bar pra ver as mulheres, beber** (Miosótis - m -14).

É visível que o início do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas se dá geralmente na adolescência, por ser uma fase de curiosidade, de movimentos de individuação, de especial valorização do grupo de amigos e do conhecido comportamento rebelde, muitas vezes necessário para iniciar seu corte do cordão umbilical familiar²⁸.

Essa necessidade de adquirir visibilidade, porém, está atrelada à delimitação da passagem dos adolescentes para o mundo adulto, já que tal prática é naturalizada para eles: **A mãe diz pra ele não beber, aí ele diz: “ah, eu já sou grande, não ia ter problema”** (Girassol - f -12).

Por outro lado, em função da nossa cultura ser tão permissiva em relação ao consumo de bebidas alcoólicas mesmo na adolescência, já que a legislação tem sido visivelmente descumprida, parece que adotar uma prática contrária ao consumo naturalizado pode significar exclusão iminente: **Bebem porque parece que já virou moda!** (Bem-me-quer -f -13). Apesar dessa expressão, entende-se que, diante da evidência de a ingestão de bebida alcoólica constituir-se em prática milenar, transmitida de uma geração para outra, conceituada como de representação cultural²⁹, difere de moda porque essa tem duração bastante curta.

Nos grupos focais, ao visualizarem as imagens que retratavam grupos consumindo bebidas alcoólicas, a leitura que faziam era um monte de gente bebendo no bar comemorando (Bougainville - f -12). Tal associação é compreensível, em decorrência de que todas as imagens estampadas nos **outdoors**, veiculadas através dos meios de comunicação e que exercem influência na representação dos adolescentes, contribuem para a naturalização dessas práticas. É fato que as cervejarias se constituem nas maiores patrocinadoras das festas populares e, de modo controverso, nos eventos esportivos, a exemplo das olimpíadas e campeonatos de futebol, vê-se que essas mensagens associam as bebidas alcoólicas a comemorações, gente jovem e bonita. Portanto, ao verem uma imagem em que um grupo está reunido bebendo, eles estabelecem um **link** entre o que vêem e o que supostamente deve estar motivando tal prática. Além disso, “é preciso reconhecer que o uso de bebidas alcoólicas muitas vezes se dá em situações sociais de alegria e prazer”³⁰.

Sobre essa questão, entende-se que o modo como os meios de comunicação lidam com o tema é permeado por contradições, gerando posturas extremamente incoerentes sob a ótica da saúde³¹. Diante disso, promove-se o imaginário social de que as substâncias lícitas são menos lesivas. Vale ressaltar que os efeitos da propaganda de bebidas alcoólicas parecem ser cumulativos. Com relação ao público infantil, as crianças expostas à propaganda na TV também desenvolvem crença positiva maior sobre consumir álcool e maior expectativa de consumi-lo quando adultas³².

As representações e atitudes, portanto, que se têm observado na atualidade, em relação às bebidas alcoólicas, provêm da maneira como, desde a tenra infância, os adolescentes vieram acumulando fotografias do cotidiano, entre elas as mensagens veiculadas nos meios de comunicação e do comportamento dos seus familiares quando, na orientação dos filhos, vale o adágio popular “faça o que eu digo e não o que eu faço”.

Sabe-se, entretanto, que o álcool faz parte tanto das festividades sociais quanto da economia. E essa aceitação é determinada, em geral, por valores sociais e culturais³², ou seja, não é por acaso que, apesar de toda a produção do conhecimento acerca dos problemas relacionados à ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, existam tantas estratégias para manter a sua circulação na sociedade e ocorram ainda tantas possibilidades de descumprimento das regras de controle.

Entende-se que as representações dos adolescentes são elaboradas a partir das suas experiências, ou seja, da situação de cada um no emaranhado social, no mundo e das formas de se relacionar com ele, e da cultura. Quer dizer, a herança simbólica por meio da qual é processada essa experiência, a linguagem - no sentido mais amplo do termo - por meio do qual essa experiência é codificada³³. Desse modo, é notório que os adolescentes constroem e expressam a própria identidade a partir do que consomem, a exemplo de comidas, bebidas e objetos e também das produções culturais.

É importante, entretanto, ressaltar que a família é um princípio de construção da realidade social e, ao mesmo tempo, socialmente construída. Assim, a família como categoria social objetiva (estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de representações e ações (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social

objetiva. Esse é o círculo de reprodução da ordem social³⁴. Como parte desse ciclo, para o senso comum, há um ideal de família enquanto entidade protetora, alicerçada no amor e respeito mútuos. Porém, a existência dessa família idealizada precisa dispor de condições sociais que nada têm de universal e que, em todo caso, não são distribuídas de maneira uniforme (por exemplo, renda, um imóvel, entre outros)¹⁰.

Diante das observações realizadas a respeito das famílias às quais os adolescentes pesquisados pertencem, nota-se que, na maioria deles, o ideal de família não corresponde ao real. Desse modo, é importante ressaltar que a primeira instância socializadora que se tem acesso é a família e, por esse motivo, também influencia nas representações que todos atribuem às práticas, constatação também evidente nesta pesquisa.

Numa imagem utilizada nos grupos focais, na qual havia um pai tomando cerveja com um filho no colo, eles relataram que comumente vêem pais bebendo acompanhado dos filhos: *Vi um menino de quinze anos no bar bebendo com o pai* (Jasmim - m -12). Sobre essas atitudes dos pais com relação aos filhos do sexo masculino, Zaguri³⁵ refere que o álcool é também visto como símbolo de masculinidade e, comumente, os pais dão bebidas aos seus filhos ainda pequenos e, orgulhosos, exibem o filho que saiu ao pai para os amigos.

Apesar da evidência de que o pai se fez mais presente nos relatos dos adolescentes do que a figura materna, acredita-se que isso não signifique que as mesmas sejam abstinências; contudo, pelo fato de a embriaguez masculina ser mais bem tolerada na nossa sociedade, entende-se que essas mulheres possam fazer apenas uso esporádico.

Diante das situações presentes nas falas dos depoentes, nota-se que, assim como entre os adultos, a busca pela bebida pode estar relacionada ao lazer ou ao alívio das tensões oriundas dos conflitos familiares ou dos pares. Encontrou-se nestes resultados semelhança como os achados da pesquisa realizada por Parizotto²⁴.

Partindo do entendimento de que o capital simbólico é uma propriedade qualquer que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e avaliação, lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, tornando-se simbolicamente eficiente, como força mágica, uma propriedade que, por corresponder “às expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico, é possível reiterar que, na atualidade, a bebida alcoólica tem se cons-

tituído em um capital simbólico, na medida em que, mesmo para os adolescentes que nunca consumiram essa substância, haja uma representação socialmente construída sendo exteriorizada a partir das suas falas.

Além disso, esse capital simbólico é comum a todos os membros de um grupo e se transfigura de ato econômico em ato simbólico, ou seja, a bebida tem deixado de ser algo apenas material para se tornar uma espécie de mensagem ou um símbolo adequado à criação de um laço social¹¹. Sendo a bebida alcoólica uma substância que sabidamente promove a interação social, foi demonstrado através das falas dos adolescentes como, também, é reconhecida por eles como agente socializador. A partir dessas considerações, imagina-se que as práticas sociais e o significado que lhes é atribuído, quando se tornam presentes de maneira tão marcantes, a exemplo do consumo de bebidas alcoólicas, se constituem em representações que são, na verdade, a manifestação de um *habitus*³⁶.

É notória a relevância que se tem atribuído ao consumo de bebidas alcoólicas, principalmente na adolescência, demonstrando que, “como ato simbólico, supõe atos de conhecimento e de reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são seus destinatários”¹³. Sendo assim, para os adolescentes, o consumo de bebidas alcoólicas representa uma ruptura com o mundo infantil e, conseqüentemente, o reconhecimento da sua inserção no mundo adulto.

Atrelado a essa realidade, Fernandes³⁷ comenta que, imergir no universo dos jovens significa mergulhar no mundo das imagens e que seu imaginário é mobiliado pelo universo simbólico, difundido pelo extenso mercado de bens culturais que fazem parte da sua vida cotidiana. É perceptível que tensões, conflitos e mutações constantes permeiem essa relação entre o que se chama de representação mental, representação cultural e a representação pública²⁹ do consumo de bebidas alcoólicas. E nesse verdadeiro emaranhado de discursos e fotografias do cotidiano que compõem o imaginário social, é que esses seres em formação tentam fazer a sua própria leitura do mundo e elaborar suas representações.

Considerações finais

Diante das representações das bebidas alcoólicas aqui encontradas, constata-se a relevância da compreensão da adolescência como fase em que os indivíduos, ainda que ávidos de novas experiências, precisam ser preservados dessa prática que pode provocar prejuízos pessoais e sociais às vezes irreversíveis.

Salienta-se, também, que a intenção não é a de fazer oposição às bebidas alcoólicas, ou de defender sua extinção na sociedade, como em alguns momentos históricos já se tentou fazer com as SPA; contudo, deseja-se alertar para a repercussão dessa prática, quando os sujeitos em questão são seres em formação. Além disso, diante da evidência de que o uso do álcool se inicia na adolescência, entende-se que as estratégias de prevenção devam preceder as primeiras experiências e contribuir para o seu adiamento.

As representações aqui retratadas sobre o uso da bebida alcoólica, bem como outras que existem entre os diversos grupos de adolescentes, devem ser problematizadas nos contatos entre equipes de saúde da família e adolescentes para que ações de prevenção primária possam ser pensadas. Assim, essas ações, no lugar de partir de idéias externas, tomariam como ponto de partida a experiência e as representações do próprio grupo que pretende envolver. A partir daí, ainda como estratégia de prevenção, se aprofundaria o consumo de bebidas alcoólicas como um problema complexo que diz respeito a vários campos sociais.

Caminhando nessa lógica, entende-se que as escolas e demais entidades comunitárias também devam ser envolvidas, a fim de, conjuntamente, repensar as práticas referentes ao tema, pois as poucas tentativas de abordagem do tema até aqui realizadas parecem não ter causado impacto em relação à representação dos adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, quiçá da adoção do uso abusivo dessa substância.

Colaboradores

SL Souza, MGC Ferriani, MAI Silva, R Gomes e TC Souza participaram igualmente de todas as etapas da elaboração do artigo.

Referências

1. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism Publications. *Underage drinking: a major public health challenge*. Rockville: The Institute; 2003.
2. Monteiro MG. *O que você precisa saber sobre a política de controle do álcool*. Brasília: OPAS/Secretaria Nacional Antidrogas; 2005.
3. Vieira DL, Ribeiro M, Romano M, Laranjeira R. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Rev. Saude Publica* 2007; 41(3):396-403.
4. Brasil. Decreto Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente [documento na Internet]. 1991 [acessado 2007 set 25]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8069compilado.htm>
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde (SAS). Departamento de Assistência e Promoção à Saúde (DAPS). Coordenação Materno-Infantil (COMIN). Serviço de Assistência à Saúde do Adolescente (SASAD). *Normas de atenção à saúde integral do adolescente*. V. 1. Brasília: Ministério da Saúde; 1993.
6. Silva MA, Mattos HF. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: Pinsky I, Bessa MA, organizadores. *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto; 2004. p. 31-44.
7. MacRae E. *A desatenção da legislação de entorpecentes pelas complexidades da questão* [documento na Internet]. 1996 [acessado 2006 ago 13]. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/t_edw1.pdf
8. Sudbrack MFO. *Debate: adolescentes e drogas no contexto da escola* [documento na Internet]. 2001 [acessado 2005 jul 29]. Disponível em: <http://www.telebrasil.com.br/salto/boletim2001/set2/pgm5.htm>
9. Loyola MA. Bourdieu e a sociologia. In: Loyola MA, organizador. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria A. Loyola*. Rio de Janeiro: EDUERJ; 2002. p. 63-86.
10. Nogueira M, Catani A, organizador. *Pierre Bourdieu: escritos em educação*. Petrópolis: Vozes; 1998.
11. Bourdieu P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus; 1996.
12. Tura LFR. Representações coletivas e representações sociais: nota introdutória. In: Tura LFR, Moreira ASP, organizadores. *Saúde e representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB; 2004. p. 15-28.
13. Nascimento CJS. *Inserção de Feira de Santana na região econômica do Paraguaçu* [documento na Internet]. 2005 [acessado 2006 fev 18]. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_73/pag_167

14. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde/DAB-DATASUS. **Consolidado de famílias cadastradas no ano de 2007 do modelo geral no município de Feira de Santana na Feira VII-II PSF** [documento na Internet]. 2006 [acessado 2007 mar 20]. Disponível em: <http://w3.datasus.gov.br>
15. Geertz C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC; 1989.
16. Gil AC. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas; 1994.
17. Kind L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicol Rev* 2004; 10(15):124-136.
18. Minayo MCS. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** 9ª ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
19. Loizos P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer MW, Graskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 137-55.
20. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos [documento na Internet]. 1996 [acessado 2007 jun 11]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/resoluções/reso196.doc>
21. Gomes R. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, organizador. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** 25ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007. p. 79-108.
22. Cammarota FCL. **Você tem sede de que? In: Dalla Déa HRF, organizador. Você tem sede de que? Entre a cervejinha e o alcoolismo**. São Paulo: Musa; 2007. p. 15-20.
23. Silva MA, Mattos HF. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: Pinsky I, Bessa MA, organizadores. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto; 2004. p. 31-44.
24. Parizotto AP. **Sentidos atribuídos por adolescentes da região meio oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas** [dissertação]. Florianópolis (SC): Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina; 2005.
25. Boa Sorte NF. **O imaginário do adolescente sobre o consumo de álcool e o processo de construção da identidade: implicações na educação e prevenção** [dissertação]. Salvador (BA): Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia; 1998.
26. Pillon SC, O'Brien B, Piedra CKA. The relationship between drugs use and risk behaviors in Brazilian university students. *Rev Latino-am Enfermagem* 2005; 13(Spec No):1169-1176.
27. Nicastrí S. Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: SENAD; 2008. p. 20-29.
28. Schenker M. **Valores familiares e uso abusivo de drogas**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.
29. Sperber D. O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. In: Jodelet D, organizador. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; 2001. p. 90-103.
30. Andrade TM, Espinheira CGD. Bebidas alcoólicas na sociedade brasileira. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: SENAD; 2008. p. 80-90.
31. Noto AR, Bouer J. As drogas e os meios de comunicação. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: SENAD; 2008. p. 110-117.
32. Buchele F, Cruz DDO. Aspectos socioculturais relacionados ao uso de álcool e outras drogas. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: SENAD; 2008. p. 66-77.
33. Romani O. Informações sobre drogas: ações, valores e orientações. In: Baptista M, Cruz MS, Matias R, organizadores. **Drogas e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2003. p. 33-42.
34. Setton MGJ. Particularidades do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Soc* 2005; 17(2):335-350.
35. Zaguri T. **Encurtando a adolescência**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record; 2004.
36. Montagner MA. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Cien Saude Colet* [periódico na Internet]. 2006 [acessado 2007 jul 25];11(2):[cerca de 12 p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232006000200028&lng=pt&nrm=iss.
37. Fernandes AT. **Ritualização da comensalidade** [site da Internet] [acessado 2009 em jun 27]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1412.pdf>

Artigo apresentado em 29/07/2009

Aprovado em 07/09/2009

Versão final apresentada em 18/09/2009